



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIII
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

CAMILA SÃO JOSÉ COELHO

**LEITURAS SOBRE O JARÊ: UMA PERSPECTIVA DE INTERFACE
ANTROPOLÓGICO E LITERÁRIO**

Itaberaba- Ba, Janeiro de 2025

CAMILA SÃO JOSÉ COELHO

**LEITURAS SOBRE O JARÊ: UMA PERSPECTIVA DE INTERFACE
ANTROPOLÓGICO E LITERÁRIO**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado do Curso de
Licenciatura em História do Departamento de
Educação, Campus XIII, da Universidade do
Estado da Bahia, como requisito para
obtenção da Graduação em Licenciatura em
História.**

**Orientador: Prof. Dr. Josivaldo Pires de
Oliveira**

Itaberaba - Ba, Janeiro de 2025

CAMILA SÃO JOSÉ COELHO

**LEITURAS SOBRE O JARÊ: UMA PERSPECTIVA DE INTERFACE
ANTROPOLÓGICO E LITERÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para à Banca Examinadora para a obtenção do Grau de licenciada, no curso de Licenciatura em História do Departamento de Educação, Campus XIII, da Universidade do Estado da Bahia.

Itaberaba, 10 de Janeiro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Josivaldo Pires de Oliveira - (UNEB) (Orientador)

Ma. Daniela de Jesus Ferreira - (UNEB)

Me. Taylan Santana Santos - (UNEB)

Aos meus pais e minhas irmãs.

AGRADECIMENTOS

Ser professora, especialmente professora de História, é algo que fez parte de mim por muito tempo. Tentei negar, mas as oportunidades que surgiram me levaram a cursar História na Universidade do Estado da Bahia, em Itaberaba. Para isso, precisei me mudar de cidade para que tudo isso se tornasse realidade. No início, foi difícil. Houve imprevistos, pensamentos de desistência, momentos em que achei que não iria conseguir, que não daria certo. Mas foi possível, e hoje estou aqui, chegando à reta final do curso, depois de longos anos. Todas as dificuldades foram superadas, e enfim estou conseguindo o grau de licenciada em História.

Falar sobre essa trajetória é impossível sem agradecer às pessoas que se fizeram presentes e que fizeram de tudo para que isso fosse possível.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer aos meus pais, Atanaete Gomes São José e Pedro Costa Coelho, que abdicaram de muitas coisas e enfrentaram momentos de dificuldade para que, em 2018, eu pudesse me mudar de Itaetê para Itaberaba e cursar História. Agradeço em especial à minha mãe, uma mulher negra com o ensino médio incompleto, à qual tenho certeza de que fez grandes esforços e se dedicou imensamente para que sua filha primogênita chegasse a cursar o ensino superior.

Agradeço também às minhas irmãs. Lore, a quem perdi de ver em muitos momentos, como, por exemplo, perdi de vê-la se formar no ensino fundamental I. Mas, de alguma forma, mesmo distante, tentei me fazer presente da maneira que fosse possível. Agradeço também a Ana Maria, que atualmente tem quase 4 anos. Eu a vi ser gerada e nascer durante a pandemia, um período de tantas dificuldades e isolamento. Mas Ana Maria chegou trazendo alegria, luz e companheirismo para os meus pais, que, com a minha irmã estudando em outra cidade, ficariam apenas os dois. Ana Maria hoje traz alegria, diversão, amor, carinho e muitas travessuras para nós.

Agradeço a todas as outras pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Agradeço às meninas que dividiram a casa comigo nos primeiros anos de moradia aqui em Itaberaba, muito obrigada pela parceria e companheirismo. Agradeço aos tios e avós pelas orações. Agradeço, em memória, ao meu avô José Gomes Coelho, a quem eu não conheci, mas por quem

sinto uma saudade que não sei explicar, mas que existe, e um amor enorme, mesmo sem tê-lo conhecido.

Agradeço à Sabrina Oliveira pelo companheirismo e pela parceria, por estar firme e presente durante estes anos de faculdade, anos que iniciamos e estamos terminando juntas. Sempre nos apoiamos nos momentos mais difíceis, dividimos as angústias e as alegrias. Meu muito obrigado, minha gratidão e desculpas pelos estresses — mas acontece.

Tenho uma enorme gratidão ao meu orientador, Josivaldo Pires, que, juntamente com o projeto que coordena, o LEAFRO, e a Pró-Reitoria de Ações Afirmativas da UNEB, ofereceu bolsas que foram fundamentais para a minha permanência na universidade, sendo eu uma mulher negra de baixa renda. Além, é claro, de um desses projetos ter se transformado em meu TCC.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que tudo isso fosse possível.

“Na diáspora, a prática religiosa foi para o negro escravizado uma das formas de resistências à sua descaracterização como ser humano e ao seu despojamento de tudo quanto lhe era caro. Por meio dela foi possível recuperar e preservar sua humanidade, sistematicamente negada pela escravidão”

Sueli Carneiro e Cristiane Cury

Resumo

Os estudos diaspóricos estão crescendo atualmente no Brasil. Falar sobre essas relações é um tema que enriquece as pesquisas. Discutir as experiências na diáspora é entender que as identidades precisaram ser reformuladas e reinventadas em um novo espaço. No caso mais específico do Brasil, essas atitudes também deram origem a mecanismos de resistência produzidos por escravizados e ex-escravizados. Neste trabalho, propus investigar e comparar uma religião afro-brasileira, sendo importante ressaltar que, sobre o estudo das culturas religiosas de origem africana na Bahia, predominam ainda as abordagens sobre a capital e o Recôncavo açucareiro. Levando isso em consideração, torna-se necessário, nesta pesquisa, explorar as experiências presentes em outras regiões da Bahia, como a Chapada Diamantina e o Piemonte do Paraguaçu. Assim, com aproximação entre a Antropologia de Ronaldo Salles Senna (1998) e a ficção de Itamar Vieira Junior (2018), busquei compreender, a partir da análise das obras supracitadas, as implicações que se referem à Chapada Diamantina, o curandeirismo e as mulheres dentro do culto ao Jarê, religião afro-diaspórica de predominância na Chapada Diamantina e no Piemonte do Paraguaçu

Palavras-Chave: Jarê; Chapada Diamantina; Diáspora;

Abstract:

Diasporic studies are currently growing in Brazil. Talking about these relationships is a topic that enriches research. Discussing experiences in the diaspora is understanding that identities needed to be reformulated and reinvented in a new space. In the more specific case of Brazil, these attitudes also gave rise to resistance mechanisms produced by enslaved and formerly enslaved people. In this work, I proposed to investigate and compare an Afro-Brazilian religion, and it is important to highlight that, regarding the study of religious cultures of African origin in Bahia, approaches to the capital and the sugar-growing Recôncavo still predominate. Taking this into consideration, it is necessary, in this research, to explore the experiences present in other regions of Bahia, such as Chapada Diamantina and Piedmont do Paraguaçu. Thus, with an approximation between the Anthropology of Ronaldo Salles Senna (1998) and the fiction of Itamar Vieira Junior (2018), I sought to understand, from the analysis of the aforementioned works, the implications that refer to Chapada Diamantina, healerism and women within the cult of Jarê, an Afro-diasporic religion predominantly in Chapada Diamantina and Piedmont do Paraguaçu.

Keywords: Jarê; Chapada Diamantina; Diaspora;

Introdução

Falar sobre a África e suas relações diaspóricas é um tema em constante crescimento no Brasil. Sabe-se também que, no contexto da escravidão brasileira e do período pós-abolicionista, escravizados e ex-escravizados criaram mecanismos de resistência, para que, de alguma forma, diante das inúmeras opressões, aquilo que trouxeram consigo — suas raízes culturais, preservadas durante a travessia transatlântica — fosse mantido.

É neste ambiente que as religiões afro-diaspóricas surgem e que, atualmente, têm interessado muitos pesquisadores. No entanto, é preciso levar em consideração que este estudo, na Bahia, está, na sua grande maioria, ligado às religiões do Recôncavo Baiano. À vista disso, este trabalho se propõe a estudar a Chapada Diamantina enquanto ambiente cultural diaspórico e o surgimento e presença do Jarê na localidade, utilizando como recurso metodológico a análise comparativa entre as obras *Jarê – Uma face do Candomblé* e *Torto Arado*, escritas, respectivamente, pelo antropólogo Ronaldo Salles Senna e pelo escritor Itamar Vieira Junior.

A primeira parte deste trabalho consiste em abordar os processos de surgimento e ocupação da Chapada Diamantina, os quais foram estabelecidos a partir da exploração de diamantes na região, o que resultou na migração de povos de diferentes localidades, seja com o interesse de encontrar pedras preciosas, seja como escravizados para trabalhar no garimpo. Nesse momento, também se faz uma demarcação cultural da Chapada, pois o que será chamado de "Chapada" aqui, não é o mesmo ambiente que é topograficamente definido pelos documentos de divisão territorial do Estado da Bahia.

Enquanto a segunda parte é destinada a narrar um pouco sobre a Chapada enquanto ambiente diaspórico e como, com a presença de escravizados e ex-escravizados, a localidade se torna propícia para o surgimento da religiosidade afro-diaspórica, especificamente o Jarê. Assim, o conceito de diáspora é trabalhado de maneira bastante forte, entrelaçando-se também com as obras de Senna e Vieira Junior, que são os objetos de análise deste trabalho.

Por fim, busquei relacionar aspectos presentes em *Jarê – Uma face do Candomblé* e *Torto Arado*, em uma situação comparativa, entendendo que, em alguns momentos, eles se complementam e, em outros, se divergem. Entretanto,

vale ressaltar que os aspectos aos quais mais me dediquei a analisar neste trabalho são a noção e a formação da Chapada em ambas as obras, o curandeirismo dentro do Jarê, algo característico do culto e com grande presença na Chapada. Para concluir, busquei identificar como a figura feminina é representada na escrita dos dois autores.

A Chapada Diamantina como uma experiência cultural

*Pisa no toco
Segura no galho
Ô segura os coro
Se não eu caio
Sou eu Orixá
Que balança
Mas não cai.*

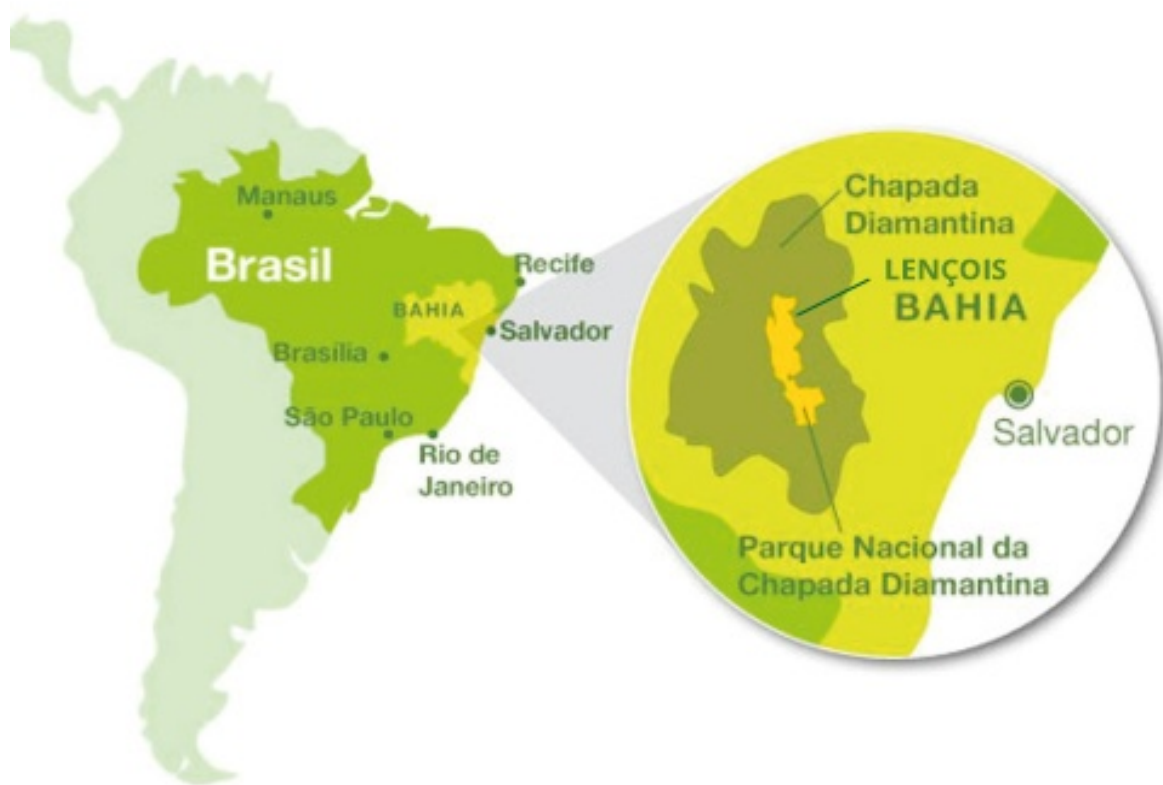
O Jarê é uma religião afro-brasileira dentre muitas existentes no Brasil, como o Candomblé e a Umbanda, esta é encontrada e cultuada na região da Chapada Diamantina, área serrana, de clima semiárido, a qual fica localizada no interior da Bahia, nordeste do Brasil. A Chapada Diamantina é uma região que teve sua população formada por pessoas vindas da região do Recôncavo Baiano, além de muitos que migraram da região de Minas Gerais e outras localidades. O desenvolvimento de atividade econômica de exploração mineral, especialmente o Diamante, foi responsável por desencadear cidades, consolidar o comércio e se desenvolver demograficamente ao longo do século XIX, como afirmam Giudice e Souza (2009).

As atividades de garimpo, mineração e exploração diamantífera, atraiu muitas pessoas a se fixarem nas terras que hoje conhecemos como Chapada Diamantina¹.

A sociedade nas Lavras, é resultante de um grande amálgama de brasileiros vindos das mais diversas partes do território Nacional, principalmente de Minas Gerais da Região do Grão Mongol (onde hoje insere-se a cidade de Diamantina) e da Zona do Recôncavo, no estado da Bahia. Para ali também convergiram estrangeiros de diversas origens tais como árabes, judeus, franceses e, sobretudo africanos que chegaram como escravos. (SENNA, 1998, p.45)

¹ A Chapada Diamantina é um Território de Identidade da Bahia, formado por 24 municípios e com uma área de 32.407,36 km². E essa divisão é entendida a partir da identidade **cultural** e **territorial** das populações que habitam a região e a sua principal atividade econômica atualmente é a exploração turística dos recursos naturais presentes na região.

Estes, junto com as populações indígenas que já se encontravam nas terras diamantinas, povoaram o local, transformando-o dessa forma, como afirma Cristiane Andrade (2020), em uma religião afro-brasileira e afro-indígena.



Mapa 1². Localização da Chapada Diamantina.³

Ademais, Giudice e Souza (2009), falam sobre o processo de povoamento desta região diamantífera, afirmando que

[...] teve seu desenvolvimento alavancado pela mineração (principalmente de diamante), uma das atividades econômicas mais importantes existentes no mundo, já que tudo ou praticamente tudo que necessitamos nos dias atuais, é mineral. Desta maneira, no século XIX, no auge da exploração de diamante, começaram a surgir, junto aos garimpos, os núcleos urbanos,

² PRECIOSA POR NATUREZA. A chapada é zen tur. Disponível em: <https://zentur.tur.br/chapada-diamantina/>. Acesso em: 13/12/2024.

³ No mapa acima é possível perceber a Localização da Chapada Diamantina, bem como do Parque Nacional da Chapada Diamantina, com as cidades de Andaraí, Ibicoara, Lençóis, Mucugê Palmeira e Itaetê. É uma região muito explorada atualmente pelo ecoturismo, pois ela oferece as mais variadas atividades para os seus visitantes. Mas é importante ressaltar, e como é possível ver no mapa, a cidade de destaque, com maior visibilidade na região, é Lençóis.

embriões de cidades, [...]. Essas cidades tornaram centro dessas atividades e elas tiveram desenvolvimento urbano surpreendentemente rápido, com melhoria das edificações, consolidação do comércio e introdução de uma incipiente industrialização, além do crescimento demográfico. (GIUDICE E SOUZA, 2009, p. 1)

Porém, é importante ressaltar que a exploração do diamante nesta região, teve o seu período de declínio durante o século XX, principalmente quando o coronelismo atinge a região, desta forma, deixando a situação econômica da região delicada, com o fim das atividades de garimpo. (GIUDICE E SOUZA, 2009). Mas, após esse processo, as atividades econômicas das cidades formadas naquele período, passaram a ser reformuladas, e, mesmo ainda acontecendo a busca por pedras preciosas, agora em menor número, este espaço demográfico, deu lugar para as atividades e explorações turísticas.

No que se refere a este aspecto que Andrade (2020), afirma que:

A Chapada Diamantina vivenciou na década de 90 um período de transição econômica da atividade garimpeira para a atividade turística. No ano de 1973, ocorre o tombamento da cidade de Lençóis pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), contribuindo para que a região passasse a se projetar mundialmente como polo turístico internacional, atraindo anualmente milhares de visitantes em busca de aventuras, fruição e/ou contemplação dos seus recursos naturais, rios, cachoeiras, conjunto de serras, montanhas, vales, grutas e um ecossistema plural. (ANDRADE, 2020, p. 98)

Em relação à localização, a Chapada é geograficamente definida como um grande relevo em Planaltos e Serras, o que possibilitou um contraste de paisagens belíssimas, sendo assim explorada atualmente pela indústria turística. Mas, Gabriel Banaggia (2013) teceu comentários sobre esta circunstância, pois esta região mais explorada é a Serra do Sincorá, que segundo ele, representa cerca de 4% de toda a extensão territorial do que é Chapada Diamantina.

Deste modo, o que no presente trabalho será chamado de Chapada Diamantina é toda a sua extensão territorial e cultural, não apenas o que se resume às áreas mais exploradas turisticamente da Serra do Sincorá, mesmo entendendo a sua importância, o Jarê, objeto deste trabalho, não se limita apenas à esta região. É neste contexto que se insere a cidade de Itaberaba, a qual geograficamente, segundo os documentos do Governo do Estado da Bahia é pertencente ao território de identidade Piemonte do Paraguaçu⁴, mas aqui estaremos observando a sua

⁴ TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE. Conselho de Cultura da Bahia. Disponível em: <http://www.conselhodecultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=35> Acesso em: 19/12/2024.

experiência cultural como que pertence a Chapada Diamantina. Sendo esta também, conhecida inclusive como Portal da Chapada, ou seja, aquela que dá entrada a região.

A Chapada Diamantina se deu a partir da junção de vários povos, inclusive da população afro-brasileira e pensado que uma diáspora se caracteriza por conta das “redes de relações imaginadas ou reais entre povos e comunidades espalhadas, cuja história é marcada por diversos contatos, comunicações e fluxos de pessoas, produtos, artefatos, ideias, imagens e mensagens” (BUTLER; DOMINGUES, 2020 p. 11).

É possível então concluir que esses sujeitos responsáveis pelo povoamento da região, construíram memórias, culturas e identidades, por isso entende-se que por ser esse ambiente diverso e dinâmico, a Chapada Diamantina se constitui historicamente na dinâmica diaspórica, entendendo-a como membro das comunidades Atlânticas.

Chapada, Diáspora e religiosidade: o Jarê

A diáspora, segundo Stuart Hall, é um conceito que transcende a mera dispersão de grupos étnicos, envolvendo também a complexidade das identidades culturais em movimento. Hall argumenta que a diáspora não é apenas uma questão de migração física, mas uma experiência dinâmica que reconfigura identidades e pertencimentos. Ela enfatiza a interação entre culturas e a maneira como as comunidades diaspóricas negociam sua herança cultural em contextos novos, resultando em hibridações que desafiam noções fixas de identidade. Assim, a diáspora se torna um espaço de resistência e reinvenção, onde as narrativas coletivas são constantemente reescritas(HALL, 2003, p. 25-50).

É nesse universo que se insere, como afirma Senna:

Os que vieram do Recôncavo baiano traziam o candomblé de orixás (jeje, keto, nagô, banto, angola) já com os caboclos indígenas incorporados à sua cosmogonia e ao seu ritual. Os que chegaram de Minas, além dos orixás, traziam elementos de umbanda. Os que vieram do São Francisco chegaram com atitudes, pensamentos e valores do catolicismo rural. (SENNA,1998, p.68)

Assim como, também uma influência da cultura indígena, que eram os povos habitantes da região supracitada, antes da chegada das populações para a exploração de garimpo, em busca de diamantes.

É nesse contexto que se constitui, a partir dessas experiências diaspóricas, o território da Chapada Diamantina, assim como a formação da religião afro-brasileira que ali se manifesta. Como Hall justifica “Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (2003, p. 27) e isso acaba acontecendo com esta região.

Complementar a isto, Kim Butler e Perônio Domingues falam que “O conceito de diáspora refere-se ao tema da viagem (física ou imaginada), aos deslocamentos (de rotas e raízes) e ao emaranhado de experiências dispersas” (2020, p.13) e se juntam com outras. Já no que se refere à diáspora africana, é aquela que “[...] remete à dispersão global (de maneira voluntária e forçada) dos africanos no decorrer da história [...]” (2020, p.13), e aqui no Brasil, incluindo na Chapada, esse processo ocorre de forma forçada entre os séculos XVI e XVIII, quando milhares de africanos são trazidos pelo Atlântico para estas terras.



Mapa 2º: Embarque e desembarque de africanos e o surgimento da diáspora no Brasil

⁵ JUNIOR, Alfredo Boulos. **História sociedade & cidadania**, 8º ano. 3. ed. São Paulo: FTD, 2015.

Ao observar o mapa acima, é possível perceber os pontos de embarque no Continente africano, as rotas atlânticas e os locais de desembarque aqui no Brasil. Foram a partir destas rotas que entre os séculos XVI e XIX, cerca de 4,9 milhões de africanos desembarcaram aqui no Brasil para serem escravizados. É também a partir destas rotas, que se constroi a diáspora africana aqui no Brasil, surgindo assim, costumes, crenças, religiões e tudo o que descende dos povos vindos da África. Deste modo, é nesse ambiente que estão inseridos a Chapada Diamantina e o Jarê.

Em relação à religiosidade presentes nas comunidades diaspóricas e como elas são comunidades múltiplas e diversas, e isso se justifica, como afirma Cavas e Neto, que por conta de

“O nascimento das religiões afro-brasileiras tem sua origem na diáspora negra durante a colonização quando a Europa expandia suas fronteiras e importava escravos africanos provenientes das mais diversas regiões da África para o Brasil. Nesta migração forçada, os negros aqui dispersos perderam seus nomes, seus pares, suas famílias e foram proibidos de cultuarem suas divindades” (CAVAS; NETO, 2013, p.1)

É nesse processo de dispersão e formação de novas comunidades que as experiências se multiplicam, e a Chapada Diamantina, dentro de sua rica diversidade cultural, se configura como uma comunidade diaspórica, tornando-se um ambiente propício para o surgimento do Jarê.

No que se trata dos cultos religiosos construídos na diáspora, é possível perceber que eles se dão a partir de experiências que foram surgindo nestes novos ambientes de convivência. Pois, na busca de não perder as identidades, estas, são reformuladas e reconstruídas no Novo Mundo. E quando se pensa em África e Brasil, a partir do tráfico transatlântico (como mostra o mapa acima) esse mecanismo de se manter culturas vivas, se tornou muito necessário. É a partir deste contexto que, para falar sobre essas novas experiências religiosas, Josivaldo Pires de Oliveira afirma que:

Essas experiências religiosas somadas à dinâmica da vida social entre africanos e crioulos caracterizados inclusive por uma gama diversificada de conflitos e experiências culturais implicou na criação de um sistema religioso, proporcionando assim uma melhor possibilidade de sobrevivência e adaptação dos africanos que chegavam e tinham que aculturar-se ao novo mundo em que se encontravam. Essas questões possibilitaram o desenvolvimento das práticas de divinação e curandeirismo, levando assim ao surgimento de especialistas em feitiçaria ligados aos saberes afro-ancestrais. Devido à importância que esses ofícios tinham na África e à falta de uma função assim claramente definida dentro da sociedade brasileira, por exemplo, seria inevitável que a influencia africana

predominasse nas experiências de além-mar. É nesse contexto que pode ser entendida a aparição histórica das religiões afro-brasileiras, a exemplo dos candomblés e suas práticas correlatas, como é o caso dos saberes mágico-curativos, denominados curandeirismo e feitiçaria. No final do século XIX começam surgir os primeiros estudos sobre essas experiências afro-diaspóricas. (OLIVEIRA, 2010, p. 50)

É também neste sentido que, Ronaldo Senna também compreende o Jarê como pertencente a esta diáspora, no momento em que ele afirma que

O jarê foi, inicialmente, uma das religiões “africanas” “produzidas” no sertão baiano, traduzindo elementos de cultura identificados e vinculados a determinados agrupamentos de escravos que, trazendo seu “sincretismo” cristalizado pela “diáspora” africana, instalavam-se em uma determinada região econômica e em um determinado contexto social.

É de crer que o Jarê foi, na sua formação na Chapada Diamantina, mais especificamente na região das Lavras, na época do “rush”, uma religião de origem banto à qual se sobrepueram, durante o processo de formação da urbe, elementos nagôs. (SENN, 1998, p.65)

Deste modo, Jarê tem seu processo de formação, consolidação e difusão na Região das Lavras, como são nomeadas pelos pesquisadores do tema, as cidades da Chapada Diamantina onde aconteceu o garimpo e as grandes buscas por diamantes. Busca esta, que também tem uma grande influência dentro da estrutura do Jarê e dos seus adeptos, sendo que estes na esperança em encontrar uma pedra de diamante, levava inúmeros garimpeiros às casas dos curadores de Jarê, como nos afirma Itamar Aguiar e Ronaldo Senna, “embora existiam garimpeiros filhos de santo desta encantaria” (AGUIAR; SENNA. 2022, p. 101).

É importante diante deste contexto, complementar com o pensamento de Santos, onde ela afirma que:

[...] em decorrência de sua formação geológica e da atividade econômica de extração do diamante, a qual no séc. XIX atraiu um grande fluxo de migrantes para a região, denominada, à época, de Lavras Diamantinas. A região das Lavras vivenciou um período de apogeu, sofrendo na sequência um longo período de decadência, motivada pela queda do preço do diamante no mercado mundial, em decorrência da descoberta de jazidas na África do Sul em 1866. A região voltou a ter um rápido período de retomada do seu desenvolvimento, em decorrência da repentina valorização do carbonado usado nas brocas de perfuração para construção do canal do Panamá em 1880, e metrô na Europa, caindo em seguida em processo de estagnação econômica. (2020, p.97)

Diante de todo este processo de formação e de consolidação, é preciso falar sobre as origens deste culto afro-brasileiro nesta região, o qual começa a ser registrado por volta de meados do século XIX, junto com o desenvolvimento da Chapada, por conta da exploração mineral na região, onde se fazia presente um

grande número de escravizados. De acordo com Luciene Pereira da Cruz, o “Jarê é uma variante do Candomblé de Caboclo presente em cidades da Chapada Diamantina, sobretudo na região das Lavras, de origem banto, onde elementos Nagôs acabaram destacando-se na religião.” (CRUZ, 2017, p.22). Não sendo a única com este pensamento, o Ronaldo Senna (1998), afirma a influência banto angolana e iorubá, presentes no Jarê, trazidas para a região da Chapada com os escravizados.

É importante ressaltar que o Jarê, sendo uma religião com tantos adeptos, se desenvolve junto com a Chapada Diamantina e com a exploração e o comércio do garimpo de pedras de diamantes. Porém, ele não se concentra apenas nas regiões das lavras, mais povoadas, eles se afasta um pouco destas localidades e se adentra às zonas agrícolas, formando assim o Jarê Rural como denomina Senna (1998) e como sem citar e sem definir em palavras, o Itamar Vieira Junior apresenta em Torto Arado.

Com isso de se dispersar pela região da Chapada, aqui colocada com o sentido de experiência cultural, de vivências, “acompanha o desenvolvimento da região das Lavras Diamantinas, tendo como registro de origem as cidades de Lençóis e Andaraí, estendendo-se posteriormente para outros municípios da região e zonas agrícolas.” (SANTOS, 2020). E como Banaggia afirma “se espelhou para municípios que não possuem diamantes, passando, no processo, por alterações que geram desdobramentos no estilo do culto.” (2013, p.6)

Desta maneira, a partir dos estudos feitos por Luciene Pereira e Ronaldo Senna é possível citar Itaetê, Utinga, Mucugê, Iraquara, Nova Redenção, Itaberaba, Morro do Chapéu e Palmeiras, como sendo cidades que praticam o culto ao Jarê.

O Jarê por Itamar e Ronaldo: A Chapada, o curandeirismos e as mulheres

Pretendendo discorrer sobre diferentes mecanismos de escrita sobre o Jarê, realizei uma análise comparativa entre a obra literária Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior, e a obra antropológica de Ronaldo Sales Senna, com foco nos estudos sobre o Jarê. A pesquisa de Senna, pioneira no estudo do Jarê enquanto prática cultural e religiosa da Chapada Diamantina, se entrelaça com a representação de elementos dessa mesma cultura na literatura de Vieira Júnior, sendo que nesta, a relação entre

a terra, as tradições e as histórias do povo afro-brasileiro, se desencadeia de forma mais intensa. A partir dessa aproximação entre Senna (1998) e Vieira Junior (2018), busquei compreender as implicações sociais e culturais presentes tanto nas narrativas literárias quanto nas análises antropológicas.

“*Jarê - Uma face do candomblé: Manifestação religiosa na Chapada Diamantina*”, é este o nome do livro do Ronaldo Salles Senna, antropólogo que dedicou parte da sua vida acadêmica aos estudos sobre esta religião construída entre lavras e diamantes e ainda presente nos dias atuais nos ambientes culturais da Chapada Diamantina.

Senna presenciou e vivenciou as experiências mais puras do Jarê, para transformá-lo em sua pesquisa que deu-lhe a titulação de doutor pela Universidade de São Paulo (USP) e posteriormente tornou-se um livro. Deste modo, levando o Jarê para lugares além daqueles do interior nordestino, marcado pelas dificuldades impostas pelo garimpo. No livro em questão, Senna, preocupou-se em descrever e construir uma narrativa sobre os mais minuciosos aspectos que constroem a estrutura do Jarê, desde como ele surgiu até como ele é nos “dias atuais”⁶.

Enquanto isso, em “*Torto Arado*”, o Itamar Vieira Junior se empenha em falar sobre a terra, sobre famílias, religiosidade, tradição, ancestralidade e demarcação racial e traz tudo isso por vozes femininas, pela fala de mulheres negras, que também são protagonistas da sua narrativa, e pela voz de uma entidade religiosa, a Santa Rita Pescadeira, que narra o último capítulo do livro.

A liberdade literária, faz Vieira Junior encontrar o leitor e se fazer presente dentro da narrativa, podendo ele, criar um ambiente fictício de Água Negra para dar vida à história de Belonísia e Bibiana, mostrando como é a realidade um quilombo contemporâneo⁷ no interior nordestino, no período de pós-abolição, e

⁶ Valendo ressaltar que estes dias atuais se referem ao período que ele realizou a sua pesquisa, que foi por volta das décadas de 70 e 80 do século XX.

⁷ Na Enciclopédia brasileira da Diáspora Africana, “**Quilombo Contemporâneo**” significa: Essa denominação, assim como a de quilombos remanescentes ou terra de pretos, é usada, no Brasil, para designar comunidades em que os habitantes se identificam por laços comuns de africanidades, reforçados por relação de parentesco e compadrio, antiguidade na ocupação da sua base física (fundamentada em posse seculares por tradições culturais próprias) dentro de um sistema que combina a apropriação privada e práticas e práticas de uso comum, em uma esfera jurídica infra-estatal. Segundo a Associação Brasileira de Antropologia, a expressão define “toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos, vindos da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado” (p.551). Deste modo, uso esta expressão por acreditar que o significado corresponde melhor com o contexto, já que “**Quilombo**”, para a mesma enciclopédia é “Aldeamento de escravos fugidos” (p.550) e como o próprio Itamar deixa claro em seu texto, a temporalidade é pós-abolição.

consequentemente a exploração trabalhista, que deu origem à escravidão moderna na região.

Ambas as obras se relacionam em muitos aspectos, deste modo, o que tange ao povoamento da Chapada Velha⁸, eles concordam com o pensamento de povoamento colocado ainda no início deste trabalho, em que a Chapada foi povoada por migrações que ocorreram das regiões de Minas Gerais e do Recôncavo baiano, e que o motivo era a busca por pedras preciosas existente na localidade. As quais, segundo Vieira, havia transformado a região “num horizonte de lutas e de bandos armados guiados por coronéis que enriqueceram às custas do sangue e da loucura dos que se entregavam à sorte do garimpo” (2018, p. 148).

Senna diz que, “Com a chegada de senhores com escravos a sociedade serrana começou a formar comunidades com a visível divisão de dominadores e dominados, motivando distanciamentos sociais cada vez mais acentuados” (SENNA, 1998, p.48) Assim, foram formando famílias, as quais foram tendo filhos e netos, e gradualmente a população só aumentava. Deste modo, para Vieira Junior em sua ficção, acontece também a formação de quilombos, a exemplo de Água Negra, local onde a trama da narrativa acontece. O autor deixa explícito que a localidade é um quilombo, quando na luta pelo direito à terra, Zezé, irmão de Bibiana e Belonísia, diz que “Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra. Somos quilombolas.” (JUNIOR, 2018, p. 166) e toda a convicção sobre isso se dá pela consciência de que seus antepassados são aqueles do pós-abolição, que foram “libertados” e “migraram para as terras de Água Negra porque só restou aquela peregrinação permanente a muitos negros depois da abolição.” (JUNIOR, 2018, p. 175).

No que se refere a liberdade, é importante ressaltar que estas pessoas foram libertadas “em partes”, pois estas pessoas, no pós 1888, ficaram livres, mas continuaram sem direitos, sem moradia, sem trabalhos, ou seja, uma liberdade precária. E Bibiana, questiona essa liberdade para o povo de Água Negra, quando em meio ao discurso, após a morte de Severo, seu esposo, ela questiona “A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade?”.

Assim como, quando discute sobre o pós-abolição no Brasil, Menezes afirma que “A sociedade brasileira reverteu para as regras que haviam sido ameaçadas

⁸ Termo usado por Vieira Junior, para se referir à Chapada Diamantina no passado. Enquanto o Ronaldo Senna quando se refere a este início, trata como região das Lavras, por conta da exploração do Diamante.

pela experiência abolicionista e milhões de brasileiros, descendentes dos escravos continuaram vivendo de forma semelhante aquela em que viviam sob a escravatura, dado à indignação a que foram lançados. A abolição da escravatura não criou as condições para que os antigos escravos pudessem alcançar a igualdade, a cidadania plena.” (MENEZES, 2009, p. 100). Deste modo, foi necessário que estes ex-escravizados reformular e reestruturar as suas culturas, tudo sem perder essência e identidade.

É dentro deste universo, que o Jarê surge e se consolida como uma religião na região Chapadeira. É deste modo também que ela se configura com uma religião onde a maioria dos seus adeptos são pessoas negras e que com a busca e o sonho do Diamante foi tendo cada vez mais notoriedade. Porém, existiam aqueles também que buscavam no Jarê a cura para algum mal que perseguia em sua vida.

Em *Torto Arado*, Vieira Junior traz esse processo de curandeirismo muito forte, e em várias situações distintas, quando por exemplo, Zeca Chapéu Grande enlouqueceu e se embrenhou na mata, com isso, foi necessário que Donana⁹ recorrer a João do Lajedo, para que curasse o seu filho

Os vizinhos do velho João do Lajedo se aproximaram porque Zeca gritava acuado, ganindo como um cão querendo fugir. «Cura meu filho, compadre. Cura meu filho. E se tiver de ser ele o curador que levará meu carregio, então que seja», disse, dando as costas e seguindo com as crianças para casa. (JUNIOR, 2018, p. 156)

Com isso, posteriormente, Zeca Chapéu Grande também torna-se curador, e passa a ser procurado por muitas pessoas da região, para realizar estes processos de cura

“Não era a primeira, nem segunda, nem terceira vez que chegava alguém desvairado. E certamente não seria a última que se internaria em nossa casa, como diziam que faziam num hospital da capital para os que enlouqueciam. Não eram hóspedes, visitas ou convidados. Eram pessoas desconectadas de seu eu, desconhecidas de parentes e de si. Eram pessoas com encosto ruim, conhecidos e também desconhecidos de todos. Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam.” (JUNIOR, 2018, p. 27)

Os aspectos particulares do curandeirismo, são um tanto quanto complexos, pois, dentro da estruturação do Jarê, podem haver várias particularidades. Deste modo, no que se refere aos curadores, o Ronaldo Senna, fala que

Há casas de curadores que abrigam o seu próprio terreiro e curadores que possuem uma casa para exercer determinados papéis mágicos-religiosos e um terreiro em separado para outros, basicamente o ritual de festa. Existem

⁹ Mãe de Zeca e avó de Belonísia e Bibiana.

ainda curadores que embora sendo personagens do Jarê, não batem “tambor” por missão determinada, mas as suas casas são consideradas casas de Jarê pelos membros da confraria. (SENNA, 1998, p. 84)

Ainda sobre estes curadores Senna, preocupou-se em sua pesquisa em diferenciar em duas categorias, como curador raiz e curador de Jarê, os quais seriam respectivamente, aquele que ajuda as pessoas que o procuram com medicamentos “substituindo os médicos”, mas que não fazem nenhum trabalho em relação ao espírito. Já a outra variação, trabalha com seus conhecimentos de folhas e raízes, além de cumprir as obrigações de realização de cerimônias. Assim, conclui-se que, os curadores podem ser de raiz ou de Jarê, mas, eles também podem apresentar-se das duas formas.¹⁰

Vieira Junior em sua ficção afirma que “os curadores serviam para restituir a saúde do corpo e do espírito dos doentes, era o que sabíamos desde o nascimento” (2018, p. 33). Deste modo, o curandeirismo presente em Torto Arado, com o Zeca Chapéu Grande se configura, como sendo tanto um curador de raiz, quando um de Jarê, pois, além dessa cura pelas folhas e raízes, também estava presente as atividades cerimoniais, nas festas de Jarê, dadas em sua própria casa.

Ainda existe neste ambiente de curandeirismo, aqueles que em determinadas situações em que o próprio curador entende que ele não é capaz de curar, pois foge do que ele chama como “coisa de curador”, como por exemplo, aqueles casos que precisam de cirurgia, como no acontecido no início da narrativa de Vieira Junior, com as irmãs Belonísia e Bibiana, em que elas cortam a língua com uma faca, deixando a segunda irmã, sem a fala.

Nesta situação, Zeca Chapéu grande, mesmo colhendo ervas em seu quintal e com todos os seus conhecimentos enquanto curador, leva as filhas para o hospital, pois entende que aquele ocorrido, foge das suas forças enquanto curador. E o Ronaldo Senna, justifica isso quando, ao observar pessoalmente o cotidiano do Jarê, escreve “No Jarê, o próprio curador procura o médico para determinado problema e outro curador “mestre” para outros.” (SENNA, p. 212).

Entretanto, diante destas semelhanças já pontuadas aqui, o Itamar Vieira Junior, não deixa claro em sua ficção, a formação sincrética do Jarê, algo que o Ronaldo Senna, discorre com ênfase na sua escrita e percepção antropológica. Ele afirma que as pessoas vindas do Recôncavo baiano, já trouxeram o candomblé de

¹⁰ SENNA, R. Jarê – Uma face do candomblé. Feira de Santana: UEFS, 1998, p. 72.

orixá com a presença indígena, enquanto aquelas que vieram do estado de Minas Gerais, trouxeram, a influência da Umbanda e outros povos, vindo do São Francisco, incorpora o catolicismo, isto, configura na formação de um culto muito sincrético.

Mas, em contrapartida, o Vieira Junior, coloca em seu texto, um aspecto que é possível refletir, que com a morte de Zeca Chapéu grande, e a reconfiguração dos donos da fazenda em que a população de Água Negra morava, a chegada das religiões protestantes, causou uma grande renúncia, ao Jarê.

Levaram um pastor de igreja, dias depois, para celebrar um culto. A intenção era reunir alguns poucos moradores que frequentavam eventualmente igrejas no dia de feira na cidade, e já tinham seu rol de orações e pecados. Era costume de quase todos participar das cerimônias ou viajar para as romarias, mas era a primeira vez que se celebrava algo que não fosse o jarê dentro da fazenda. Depois da morte de Zeca Chapéu Grande, que pôde foi para outra casa de Jarê, procurar um novo curador para retirar a mão do velho e colocar a nova sobre sua cabeça. Nos últimos anos, depois do fim das celebrações de Jarê na fazenda, duas famílias haviam se convertido ao evangelismo, mas continuavam a conviver com as demais sem conflitos aparentes, ainda que renegassem, em privado, as práticas antigas. (JUNIOR, p. 201)

Assim, aqui é possível ver que duas escritas sobre o Jarê, dá margem para entendimentos e recortes diferentes, mas que dentro das particularidades, um acaba complementando o outro.

Continuando com a análise entre os dois escritores, no que tange à figura feminina como lideranças no culto afro-brasileiros, tanto Senna, quanto Vieira Junior, colocam em suas narrativas, homens no papel de liderança. Senna inclusive coloca Pedro de Laura, como um grande líder do Jarê na cidade de Lençóis, anexando também, muitos registros fotográficos dos cultos acontecidos no terreiro do referido, na abertura do seu livro. Mas para justificar o seu posicionamento, ele diz que

Não conseguimos identificar nem tivemos notícia que tivesse havido no passado, uma mulher que pudéssemos identificar com o mestre. Isso significa que o papel subalterno da mulher na sociedade chapadina continua sendo uma realidade na hierarquia do Jarê, tendo a sua ascensão bloqueada através de empecilhos criados pelos métodos de controle do grupo. A mulher curandeira geralmente esgota sua função como rezadeira ou benzedeira, dificilmente ocupando outros papéis dentro da engrenagem religiosa. (SENNA, p. 110)

Já ao observar a obra do Itamar Vieira Junior, construída há anos atrás, é possível perceber que ele atribui o protagonismo da sua ficção, para as irmãs, Bibiana e Belonísia, que têm também respectivamente a voz narrativa no dos primeiros capítulos. E para o último capítulo, o autor designou a voz de Santa Rita Pescadeira, para narrar o final do romance.

Ainda assim, é possível perceber, que outras personagens femininas também tem destaque, como Donana, a avó das protagonistas, que até recebeu o chamado para seguir como curadora, mas ela não aceitou. Seria por conta dos efeitos sociais? Mas, assim como Senna, quem tem a posição de curador, é o Zeca Chapéu Grande.

Entretanto, em pesquisa recente para a construção do seu livro, a Luciene Pereira da Cruz (2017) consegue entrevistas com várias Mães de Santo, em diferentes cidades da Chapada Diamantina, como Itaetê, Andaraí, Utinga e Lençóis. As mulheres que aparecem nesta pesquisa, falam inclusive sobre as dificuldades enfrentadas em ser Mãe de Santo, por questões de intolerância religiosa, mas que seguem com as obrigações dadas pelos Orixás.

Complementando com o pensamento da Helena Theodoro, a qual, fala que

“Uma das mulheres de maior axé e capacidade de transformação no meio social foi a legendária Iyá Nassô, fundadora da primeira roça de candomblé, no século XIX, em Salvador, assim como a Mãe Aninha, que fundou a mais tradicional roça de candomblé do país, o Ilê Axé Opô Afonjá, em São Gonçalo do Retiro, Salvador.” (2008, p.92)

Deste modo, mesmo entendendo as dificuldades que as mulheres, principalmente mulheres negras, enfrentam na sociedade paternalista e patriarcal que é a brasileira, é possível presenciar mulheres nas lideranças desses cultos afro-brasileiros e isso não é diferente com o Jarê. Percebendo inclusive, dentro da escrita do Vieira Junior, que a presença feminina, tem uma grande influências nas brincadeira de Jarê, quando ele relata, por exemplo, que uma vizinha é quem cuida das roupas que Zeca Chapéu Grande usará, ao receber Santa Barbára nas festas.

Assim, entre semelhanças e divergências, percebe-se que o Jarê e as pessoas que o construíram e constroem, enfrentaram e enfrentam muitos desafios, mas que entre sertões, lavras, opressões e preconceitos, ele existe e resiste.

Conclusão

Falar sobre o Jarê é narrar passado, presente e futuro, pois são contadas e recontadas histórias a partir de diversos mecanismos. Da oralidade, da literatura, da antropologia... É a partir delas que são narradas também as histórias da Chapada

Velha, como Itamar Vieira Júnior coloca em seu livro, é falar sobre o bambúrrio¹¹, é falar de povoamento e falar de ancestralidade.

Sendo assim, quando se compromete a falar sobre o Jarê a partir de dois olhares diferentes, que é a antropologia e a literatura, entendemos que a antropologia é passível de interpretações e das vivências de quem escreve. Se referindo a este trabalho, Ronaldo Senna, aquele que dedicou parte da sua vida acadêmica a estudar o Jarê, tornando-se pioneiro. Pensando na flexibilidade e no dinamismo da literatura, o Itamar Vieira Junior, em sua contemporaneidade, escreve sobre o passado, escreve sobre histórias e narra as vivências de um povo, de um quilombo, que formando-se no pós-abolição, resistiu a incertezas climáticas, às violências daqueles que os tinham como empregados em troca de casa e comida e acima de tudo, colocou como protagonistas e narradores dessas histórias, mulheres negras e uma entidade religiosa.

Analisar duas obras tão importantes é uma responsabilidade, é um desafio, mas é importante, pois o Jarê precisa ser visto, revisto e reescrito. O Jarê não pode cair no caminho do esquecimento, pois conta o passado dos nossos ancestrais, que o construíram e por isso não pode deixá-lo morrer.

Mas, é preciso entender que a pesquisa deixa lacunas, pois essas aberturas são possibilidades para estudos futuros, e a incerteza sobre a real presença feminina dentro do Jarê, continua. Correlacionar Vieira Junior e Senna, neste ambiente, é dar margem para questionamentos, mas acredito que futuramente poderão ser compreendidos de melhor forma.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Itamar Pereira; Senna, Ronaldo Salles. O Jarê entre as encantarias: a caboclarização dos orixás. In: MORENO, André; SANTOS, Cristiane Andrade (Orgs.). **Chapada Diamantina em pesquisa: história, sociedade, cultura e meio ambiente**. Salvador: Aiê editora, 2022. p. 100-121.

BANAGGIA, Gabriel. **As forças do jarê, religião de matriz africana da Chapada Diamantina**. Rio de Janeiro: Garamond. 2015.

¹¹ Para o Novo Dicionário Banto do Brasil, escrito por Nei Lopes (1942) “Bamburrar” significa: Fazer fortuna inesperadamente, ao encontrar ouro ou pedras preciosas. (p.37)

BUTLER, Kim D. e DOMINGUES, Petrônio. **Diásporas imaginadas: Atlântico negro e histórias afro-brasileiras**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

Cantigas de Jarê. Lençóis, Grão de Luz e Griô, 2015.

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane. O poder feminino no culto aos orixás. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Guerreiras da Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São paulo: Selo Negro, 2008. p.117-144.

CAVAS, Claudio de São Thiago; NETO, Maria Inácia D'Avila. A Diáspora Negra: Como as Mulheres Recriaram Através da Religião a África "Imaginada" no Brasil de Todos os Santos

CRUZ, Luciene Pereira. Jarê: histórias contadas. Edição: Associação dos Filhos de Santo do Palácio de Ogum e Caboclo Sete Serras. Grãos de Luz e Griô, Lençóis, 2017.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 25 - 50.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto Arado**. Rua Cidade de Córdoba: Editora Leya, 2018.

JUNIOR, Alfredo Boulos. **História sociedade & cidadania**, 8º ano. 3. ed. São Paulo: FTD, 2015.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

PRECIOSA POR NATUREZA. A chapada é zen tur. Disponível em: <https://zentur.tur.br/chapada-diamantina/> . Acesso em: 13/12/2024.

SANTOS, Cristiane Andrade. O JARÊ NAS MÍDIAS: REPRESENTAÇÕES DE ÁFRICA (S) E ESTEREOTIPIAS. **Revista Dados de África**, Bahia, v. 1, n.1. p. 96-108, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/dadosdeafricas/issue/view/524>. Acesso em: 23 de jul. 2023.

SANTOS, Cristiane Andrade. Discursos de África(S) Indistintas Entre Práticas e Costumes nas Religiões de Terreiro: O Caso do Jaré. **X Encontro Estadual de História - ANPUH / Bahia**. 2020, Vitória da Conquista., Universidade Estadual do Sudoeste Baiano. Disponível em: <https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/anais/divisao/trabalhosaprovados>. Acesso em: 23 de jul. 2023.

SANTOS, Cristiane Andrade; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Memórias do Jarê em terras de Garimpo: Um patrimônio imaterial da Chapada Diamantina. In: MORENO, André; SANTOS, Cristiane Andrade (Orgs.). **Chapada Diamantina em pesquisa: história, sociedade, cultura e meio ambiente**. Salvador: Aiê editora, 2022. p. 122-148.

SENNA, R. Jarê – Uma face do candomblé. Feira de Santana: UEFS, 1998.

SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil africano. 2. ed São Paulo: Ática, 2007.

THEODORO, Helena. Mulher negra, cultura e identidade. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Guerreiras da Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São paulo: Selo Negro, 2008. p. 85-97.